



## Discurso jornalístico e valoração de vozes: os lugares dos testemunhos da pobreza

Rafael Rangel Winch<sup>1</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

**Resumo:** O objetivo do artigo é compreender os lugares das fontes de classes populares numa grande reportagem, considerando esses sujeitos como testemunhos de uma situação de pobreza visibilizada pelo discurso jornalístico. A produção analisada é uma matéria produzida e veiculada pelo programa Câmera Record acerca da maior favela de palafitas do Brasil. Metodologicamente, o gesto analítico utiliza contributos da Análise de Discurso de linha francesa (AD). Os resultados da análise evidenciam que a valoração de vozes das fontes de classes populares delimita determinados papéis para esses sujeitos. Os testemunhos da pobreza são apresentados predominantemente em lugares descritivos e ligados ao sofrimento. Em escala muito menor ocupam espaços propositivos e associados ao saber.

**Palavras-chave:** discurso jornalístico; valoração de vozes; testemunhos; classes populares; pobreza.

### 1. Introdução

A valoração de vozes é parte constituinte do discurso jornalístico. Trata-se de um rotineiro conjunto de ações que pode incluir a identificação, seleção, interpelação, avaliação, contextualização, recorte e hierarquização dos dizeres das fontes de informação. Em coberturas de questões e acontecimentos que envolvem centralmente a presença de testemunhos, o movimento de valorar as vozes dos informantes relaciona-se ao domínio temático da pauta, à condição técnico-estética dos meios, à linha editorial dos veículos,

---

<sup>1</sup> Jornalista. Doutorando do PPGJOR/UFSC. Bolsista FAPESC. E-mail: rangelrafael16@hotmail.com

ao contexto sociocultural, entre outros fatores. Ao mesmo tempo, toda construção de sentidos operada pelo jornalismo – expressa em abordagens e angulações – deriva do modo como esse fazer valora as vozes das fontes testemunhais que habitam o seu discurso. É por conta desse movimento valorativo que os sujeitos surgem ocupando determinadas posições e desempenhando papéis específicos na narrativa jornalística.

Partindo dessas premissas, o presente estudo tem como objetivo compreender os lugares das fontes de classes populares numa grande reportagem, considerando esses sujeitos como testemunhos de uma situação de pobreza visibilizada pelo discurso jornalístico. A produção analisada é uma matéria produzida e veiculada pelo programa Câmera Record acerca da maior favela de palafitas do Brasil. Além dessa breve introdução, o artigo apresenta as seguintes partes: discussão sobre os testemunhos no discurso jornalístico; síntese teórica acerca da noção de classe social mobilizada pelo trabalho; descrição dos resultados de análise; e considerações finais.

## **2. O jornalismo e os sujeitos testemunhos**

As fontes de classes populares – muitas vezes, indivíduos em condição de pobreza relativa ou absoluta –, são marcadas por uma forte dimensão testemunhal, em especial, quando o jornalismo as convoca para falarem sobre suas realidades cotidianas. Na condição de testemunhos, as fontes de classes populares são acionadas para suprirem várias finalidades basilares do jornalismo. Num primeiro momento, elas possuem a função de autenticar o discurso jornalístico, uma vez que funcionam como agentes comprovadores de um determinado acontecimento, tema ou situação como, por exemplo, a questão da fome, a miséria e toda problemática em torno da desigualdade social.

Nessa relação do jornalismo com seus informantes, existe uma série de papéis atribuídos para as fontes testemunhais. São lugares e posições específicas reservadas para esses sujeitos. Os recortes de fala ajudam a descrever, encenar e explicar os fatos que o jornalismo pauta, sendo um dos elementos que reforçam a angulação das suas respectivas narrativas.

Ao problematizar as implicações políticas dos testemunhos midiáticos, Lage (2018) considera que, em certo nível, esses sujeitos possuem potencial para mobilizar respostas afetivas e mesmo políticas em relação a situações ou experiências de sofrimento.

mento. Todavia, nesse caminho residem vários dilemas morais e éticos. Muitas vezes são questionáveis as formas como jornalistas se relacionam e enquadram os sujeitos sofredores. Trata-se especialmente do problema da distribuição de papéis e lugares para as fontes testemunhais.

Os modos de valorar as vozes dos sujeitos no discurso jornalístico podem ser notados, sobretudo, pelos recortes de fala visíveis numa sequência de aspas (jornalismo impresso/verbal) ou em sonoras (jornalismo televisivo/audiovisual). Para Lage (2018), esses espaços e recursos evidenciam o fascínio que existe em torno da figura dos testemunhos, sendo metáforas de uma abertura à palavra do outro.

Mas não qualquer palavra. Trata-se de um depoimento, de um relato de experiências. Mas não quaisquer experiências. De experiências de sofrimento, de infortúnios. Aquele ritual jornalístico é, já, bastante conhecido: descobre-se um personagem exemplar de um problema que lhe excede, do qual, no entanto, faz parte e pode depor (LAGE, 2018, p. 121).

Noutro estudo concernente aos testemunhos midiáticos, Lage (2015) observa que, em seus modos de narrar, o jornalismo pode ser intrusivo e insensível ao abordar o sofrimento alheio, mesmo nos casos em que almeja romper com modelos narrativos padronizados a partir de iniciativas diferenciadas como a imersão do repórter em determinadas experiências<sup>2</sup>. Narrativas assim, por mais que pretensiosamente alternativas a esquemas tradicionais, também podem reproduzir lógicas, práticas e valores questionáveis que prejudicam a visibilidade do potencial político das fontes testemunhais, sobretudo, daquelas pessoas que são historicamente silenciadas e/ou desqualificadas no cotidiano social.

Em uma reflexão sobre os lugares concedidos as fontes testemunhais nas narrativas jornalísticas televisivas de tragédias, Amaral e Motta (2019) destacam a notável recorrência desses sujeitos na construção de sentidos em torno dos acontecimentos<sup>3</sup>. Todavia, a presença constante de testemunhos nesse tipo engendramento narrativo nem

---

<sup>2</sup> Nessa ocasião, o autor analisa narrativa televisiva do programa *A Liga* trabalha a dimensão política do testemunho de um morador de rua viciado em crack.

<sup>3</sup> As pesquisadoras analisam as funções desempenhadas pelos testemunhos na narrativa televisiva de três tragédias: o incêndio da boate Kiss, o rompimento da barragem da Samaco e o acidente aéreo da Chapecoense.

sempre resulta precisamente em um posicionamento mais crítico, ativo, reivindicador, enfim, político por parte de tais fontes.

Por outro lado, embora a vítima apareça com mais recorrência, ela só poderá exercer esse papel mais ativo se a narrativa jornalística permitir. O testemunho até pode ter um caráter mais reivindicador, mas a decisão final será sempre do jornalismo que, em última instância, é quem convoca fontes, hierarquiza posições e as configura narrativamente (AMARAL; MOTTA, 2019, p. 11).

Ainda ao avaliarem os modos como as narrativas jornalísticas configuram desastres, Amaral e Motta (2019) ponderam sobre a dimensão imagética da televisão e seus respectivos aspectos emocionais, sem deixar de sublinharem o poder de decisão dos próprios jornalistas. Assim, “o choro descontrolado e o desespero da pessoa que se desestrutura no vídeo são reais e legítimos do ponto de vista da experiência pessoal, mas a decisão de como mostrar diz muito das escolhas do telejornalismo” (AMARAL; MOTTA, 2019, p. 18).

Na sequência do artigo, discuto brevemente sobre a questão da classe social e sua relação com a problemática da desigualdade. As classes populares são pensadas aqui não apenas a partir de suas dimensões concretas – fatores como renda -, mas também considerando suas dinâmicas imateriais/simbólicas.

### **3. Sobre classe social e desigualdade**

Com base numa perspectiva com ênfase na complexa relação entre sociedade e cultura, o sociólogo Pierre Bourdieu defende a ideia de que toda classe social se manifesta no entremeio das vivências dos agentes situados em posições próximas no espaço social e possuidores de um mesmo tipo de capital. Não se trata somente do capital econômico, mas antes de tudo simbólico. Dessa maneira são, sobretudo, os recursos de ordem imaterial que condicionam a reprodução das classes. Esta concepção não invalida o peso de fatores como a renda e o poder de consumo concreto dos indivíduos, mas reconhece tal dimensão mais como um efeito do que uma causa das desigualdades.

A apreensão teórica da noção de classe social realizada por Bourdieu (2007) é melhor compreendida se entendermos o chamado *habitus*<sup>4</sup>, um dos principais conceitos do autor. Trata-se de uma espécie de guia de conduta para os indivíduos, um mapa invisível que elimina o tempo de reflexão e automatiza ações, construindo estilos de vida, modos de ser, pensar e agir. O *habitus* é um mecanismo que unifica as práticas sociais, elemento que faz os agentes incorporarem – e naturalizarem – tais práticas no decorrer dos mais diversos processos de socialização.

São as experiências dos agentes que determinam o chamado *habitus* de classe. Na esteira desse entendimento, as classes populares costumam reunir uma série de traços comuns como a humildade, a aquiescência, bem como, muitas vezes, um sentimento de incompetência. Para esse autor, existe um certo conformismo lógico expresso num "sentimento do seu lugar" que representa um ajuste da personalidade dos agentes às condições objetivas e às chances reais de cada grupo social. Evidentemente, esses modos de ser, pensar e agir não se fecham em regras absolutas e estáticas, visto ainda que o *habitus* pode ser reconfigurado no interior das relações sociais.

A perspectiva do autor francês possui grande relevância para pensarmos as dimensões simbólicas das classes sociais – que também se manifestam no plano dos discursos. Contudo, não é plausível aplicarmos integralmente sua teoria, desconsiderando as diferenças entre sociedades avançadas e sociedades periféricas (RONSINI, 2012).

Pensando a questão da classe nos contornos da realidade brasileira, Jessé Souza enfatiza o *habitus* como um conjunto de disposições simbólicas, esquemas valorativos e avaliativos em relação aos mais variados objetos e práticas da vida e do cotidiano. Tais disposições são incorporadas desde o nascimento de cada indivíduo e são constituídas por afetos, aprendizados e incentivos reproduzidos ao longo da trajetória dos indivíduos e de suas respectivas classes sociais (SOUSA, 2003).

Essa lente sociocultural também leva em conta o berço dos indivíduos, reconhecendo os processos de socialização primária que ajudam a definir as chances relativas de cada agente na luta cotidiana por recursos escassos de várias ordens. Algumas classes sociais, sobretudo, a classe média e alta (e suas frações), possuem privilégios relaciona-

---

<sup>4</sup> Cabe sublinhar que o *habitus* é uma noção filosófica antiga, originária no pensamento de Aristóteles e na Escolástica medieval, que foi recuperada e retrabalhada posteriormente por Bourdieu a partir da década de 1960 na construção de uma teoria disposicional da ação (WACQUANT, 2018).

dos ao seu patrimônio de disposições (SOUZA, 2017). De modo oposto ao que acontece com os sujeitos em situação de pobreza relativa ou absoluta, os membros das outras classes (médias e altas) estão mais propícios a serem estimulados desde a infância à disciplina, ao pensamento prospectivo, à capacidade de concentração e ao raciocínio abstrato. Logo, essas diferenças nos tipos e volumes de capital demarcam a distinção entre as classes sociais.

Neste presente estudo, Ronsini (2012) nos auxilia na compreensão das classes populares por reconhecer que essa expressão abarca a diversidade das categorias de trabalhadores urbanos, dos pobres (pobreza relativa) e dos humildes (média baixa), estando ainda relacionada com a noção de cultura popular.

Após essas breves reflexões, a seguir, apresento os resultados da análise discursiva, destacando as posições-sujeito identificadas no discurso da reportagem do *Câmara Record* referente à maior favela de palafitas do Brasil, localizada na cidade de Santos (SP). A matéria analisada foi veiculada em 26 de agosto de 2018 e possui duração de 57 minutos e 42 segundos.

#### **4. Análise: as posições-sujeito e os modos de testemunhar**

O gesto analítico é amparado metodologicamente em contributos da Análise de Discurso de linha francesa (AD) e seu principal procedimento é a demarcação de posições-sujeito (P.S), isto é, de lugares que as fontes de classes populares ocupam na construção de sentidos da reportagem. Tais posições são apreendidas como vozes. Em outros termos, são espaços e papéis no discurso jornalístico.

As posições-sujeito mapeadas possuem particularidades, mas também estão imbricadas, ou seja, não se invalidam entre si. Essa percepção denota à irreversível interdiscursividade – relações entre dizeres – presente em todo discurso. Cada P.S foi identificada e sistematizada com base no referencial teórico da pesquisa e na leitura crítica da reportagem (“ouvir o *corpus*”). Com ancoragem no conceito de paráfrase (ORLANDI, 2005), mapeou-se regularidades enunciativas que revelaram as posições-sujeito ocupadas pelas fontes de classes populares no discurso jornalístico da reportagem. A seguir, são apresentadas as P.S observadas e discutidas neste trabalho.

- **Descrição (P.S-D):** posição em que o sujeito descreve verbalmente uma situação, acontecimento ou experiência, narrando e identificando fatos, instituições e outros sujeitos;
- **Ilustração (P.S-I):** posição que também possui uma dimensão descritivo-verbal, no entanto, singulariza-se pela força da dimensão visual na qual o sujeito realiza ou simula ações e comportamentos ao mesmo tempo em que narra a própria ação;
- **Lamentação (P.S-L):** posição na qual o sujeito expressa algum sofrimento ou angústia, lastimando sobre suas condições de vida e obstáculos ao exercício da cidadania;
- **Opinião (P.S-O):** posição em que os dizeres do sujeito julgam e apreciam outros sujeitos, práticas, acontecimentos e instituições, expressando um ponto de vista sobre a realidade;
- **Saber (P.S-S):** posição que destaca o conhecimento e os saberes de um sujeito que explica, critica, pondera e avalia fatos e cenários apontando suas possíveis causas e consequências;
- **Proposição (P.S-P):** posição pela qual os sujeitos enunciam ideias a partir de enunciados sugestivos e críticos que evidenciam desejo de mudança e a responsabilidade de outros sujeitos e instituições.

Essas posições-sujeito também funcionam como unidades analíticas e estão dispersas num conjunto de 141 sequências discursivas (SD) exclusivamente concernentes

as manifestações das fontes de classes populares, mais precisamente as sonoras. Cada SD é formada por duas dimensões: audiovisual e verbal. Na *dimensão audiovisual* incluem-se as imagens, os planos de gravação, os recursos visuais (gráficos, textos, fotos, por exemplo), os efeitos sonoros e a edição. Apesar de constituírem-se como “sons”, neste artigo, cabeças, notas-pé, offs, passagens e sonoras<sup>5</sup> integram a *dimensão verbal* das sequências discursivas. Ambas as dimensões foram estabelecidas de acordo com os fins deste estudo, o que não exclui o entendimento de que a construção de sentidos se desenrola na articulação complexa dos elementos audiovisuais e verbais.

É importante sublinhar que uma sequência discursiva pode abrigar diferentes posições-sujeito, constatação que evidencia a própria interdiscursividade do discurso jornalístico. Cada momento da reportagem é alocado em uma SD. A seguir, a Tabela 1 apresenta os resultados do mapeamento das posições-sujeito no discurso jornalístico analisado.

Tabela 1 – Posições-sujeito na reportagem do Câmera Record

Posição-sujeito	Total de SD's	%
Descrição (P.S-D)	92	65,24
Lamentação (P.S-L)	47	33,33
Ilustração (P.S-I)	30	21,27
Opinião (P.S-O)	16	11,34
Proposição (P.S-P)	5	3,56
Saber (P.S-S)	2	1,41

Fonte: autor da pesquisa


<sup>5</sup> Como nos lembra Gadret (2016), **cabeça** é a introdução do tema realizada pelos apresentadores/âncoras em estúdio; o **pé** ou **nota-pé** também é lido no estúdio pelos apresentadores ao encerrar a reportagem com informações complementares; **os offs** são textos gravados pelos repórteres, sobrepostos na edição por imagens relacionadas às informações verbais; a **passagem** é a presença do repórter em vídeo, conectando os elementos da reportagem; as **sonoras** são os excertos de entrevistas realizadas com as fontes, que chegam à edição final da reportagem.





A posição-sujeito mais verificada no discurso da reportagem – a P.S-D com 65,24% – evidencia os sujeitos das classes populares descrevendo diferentes situações e experiências que conformam seus modos de viver nas palafitas. Com base nessa posição, os sujeitos destacam detalhes acerca do seu cotidiano, o que abarca suas carências materiais, suas dificuldades de locomoção no ambiente habitado, além de suas origens e trajetórias antes de passarem a morar na região. Trata-se, é claro, de um tipo de posição basilar nas vozes das mais diversas fontes de informação, mas que aparece com ainda maior frequência e força nas falas de classes populares. A SD181 (tabela 2) exemplifica essa posição-sujeito a partir da fala de uma das moradoras da palafita que descreve o dia que saiu de Recife para morar numa favela de Santos.

**Tabela 2. Posição-sujeito Descrição (P.S-D) - Programa *Câmera Record***


SD	Dimensão audiovisual	Dimensão verbal
181		(Sonora [classe popular] Isabel). Pra falar a verdade <b>eu vim escondida mesmo</b> porque ele não queria deixar eu vir. Aí <b>eu aproveitei na hora que ele foi trabalhar</b> . Aí <b>eu pedi pra minha sobrinha me trazer até o aeroporto</b> .

Fonte: autor da pesquisa

Sendo a segunda posição-sujeito mais observada no discurso analisado (33,33%), a P.S-L traz uma carga emocional específica para a cena, destacando especialmente as falas dos sujeitos que lamentam acerca de variados aspectos da sua realidade. É uma posição que pode ser notada, por exemplo, nas partes da reportagem em que as fontes de classes populares expressam suas carências e dores em tom de queixa ou lástima. Esse tipo de valoração de vozes mantém um estreito vínculo com a abordagem do repórter em relação aos entrevistados, sendo potencialmente estimulada a partir de perguntas que pendem para os sujeitos expressarem como estão se sentindo e o que falta para suas vidas serem melhores. Um exemplo disso é a SD63. Ao ser questionada pelo repórter sobre o que seria mais difícil no seu cotidiano, uma das fontes comenta sobre a

impossibilidade de dar aos seus filhos o que eles pedem, como brinquedos, roupas e calçados de qualidade.


**Tabela 3. Posição-sujeito Lamentação (P.S-L) – Programa *Câmera Record***

SD	Dimensão audiovisual	Dimensão verbal
63		(Sonora [classe popular] Estela) Ter coisas que as crianças pedem e <b>não poder dar</b> que bem brinquedo, comprar uma roupa boa, comprar um calçado bom. Essas coisas. <b>É muito difícil. É muito filho.</b>

Fonte: autor da pesquisa

Com 21,27% a P.S-I é a terceira posição-sujeito mais presente na reportagem. Nesse espaço do dizeres, observa-se as vozes que ilustram atividades e processos variados. Todas essas ilustrações auxiliam o discurso jornalístico a construir cenas de situações de pobreza. Um exemplo dessa posição-sujeito pode ser notado na SD280 que enfoca os movimentos de um pescador preparando peixe que pescou na água poluída que fica no entorno de sua casa. Na cena (tabela 4), o morador da região comenta o preparo da sua refeição como um costume rotineiro numa vida marcada por escassez.

**Tabela 4. Posição-sujeito Ilustração (P.S-I) - Programa *Câmera Record***

SD	Dimensão audiovisual	Dimensão verbal
280		(Sonora [classe popular] Jurandir) Essa aqui é a hora boa, rapaz. <b>Tira um pedacinho assim.</b> É gostoso, hein. Delícia viu


Fonte: autor da pesquisa



É uma posição que reforça a noção de “case” e “personagens” das narrativas jornalísticas, especialmente àquelas que possuem caráter audiovisual. No discurso analisado, tal posição foi verificada nos momentos em que as fontes de classes populares demonstraram partes de suas rotinas, desde a organização da casa até o percurso e a realização de seus trabalhos externos.

As posições-sujeito apresentadas a partir daqui aparecem com menor expressão ao longo da reportagem. Observou-se que a P.S-O se manifesta em 11,34% do discurso analisado. Trata-se de um tipo de valoração de vozes que destaca apreciações e julgamentos na fala das fontes de classes populares. É uma das posições-sujeito que mais resultam diretamente das perguntas feitas pelo repórter. Pode ser percebida em vários trechos do discurso em que os sujeitos habitantes das palafitas são convocados a opinar sobre questões como a baixa qualidade de vida na região e a possibilidade em saírem da favela para morarem noutro lugar. Na SD184, ao ser questionada pelo repórter se acha que alguma coisa falta na sua vida, uma das moradoras entrevistadas (tabela 5) opina sobre sua própria trajetória, avaliando a maternidade precoce e o modo como enfrenta sua realidade.

**Tabela 5. Posição-sujeito Opinião (P.S-O) - Programa *Câmera Record***

SD	Dimensão audiovisual	Dimensão verbal
184		<p style="text-align: center;">(Sonora [classe popular] Beatriz)</p> <p><b>Eu acho que eu fui mãe muito cedo.</b>                  Tive que cair de paraquedas num mundo que eu não conhecia que é a paralisia cerebral (...) Mas eu vivo pra ela e <b>eu não me arrependo. Se Deus me deu é porque ela sabia que eu podia carregar né.</b></p>

Fonte: autor da pesquisa

Sendo bastante residual no discurso analisado (3,56%), a P.S-P é o espaço em que os sujeitos sugerem, recomendam e propõem ideias e ações que, de alguma forma, podem tornar suas vidas mais dignas. Na reportagem, observa-se que as vozes das classes populares inseridas nessa posição situam-se, sobretudo, num plano individual, ou

seja, a pobreza e todas as suas adversidades correlatas são pensadas a partir da ideia de superação pessoal. Não há, assim, destaque para a responsabilidade de governantes e outros poderes nas situações de dificuldade vivenciadas pelos moradores das palafitas. A SD302 (tabela 6) exemplifica essa posição ao trazer o relato de uma entrevistada que sugere a força da união familiar como ação necessária para recuperar os bens materiais perdidos num dos vários incêndios frequentes na região.

**Tabela 6. Posição-sujeito Proposição (P.S-P) – Programa *Câmera Record***

SD	Dimensão audiovisual	Dimensão verbal
302		(Sonora [classe popular] Débora) Desistir jamais. Ainda mais por causa das crianças. E a gente pode seguir. Nós não perdemos as crianças. Não perdemos um ao outro. <b>Então, vamos lutar para conseguir tudo de novo.</b>

Fonte: autor da pesquisa

Por fim, a P.S-S foi identificada em apenas 1,56% da reportagem. Esse eixo discursivo evidencia o conhecimento e os saberes das fontes de classes populares. Exemplo dessa posição pode ser conferido na SD159 (tabela 7) em que uma das fontes entrevistadas explica como a paralisia cerebral da filha não repercute negativamente no desempenho dela na escola.

**Tabela 7. Posição-sujeito Saber (P.S-S) – Programa *Câmera Record***

SD	Dimensão audiovisual	Dimensão verbal
159		(Sonora [classe popular] Beatriz) Sim, ela é muito inteligente. Ela tem força de vontade. <b>Porque a paralisia dela afetou apenas a coordenação motora, ela tem um raciocínio muito bom.</b> E na escola é só elogio. Ela é muito boa aluna.

Fonte: autor da pesquisa

Cabe fazer a ressalva de que este estudo não desconsidera a possibilidade de os sujeitos trazerem diferentes saberes quando circunscrevem suas vozes nas posições-sujeitos anteriormente discutidas. Porém, na P.S-S, o conhecimento pode adquirir uma forma mais articulada e destacado. Assim, a partir de tal posição os sujeitos elucidam sobre diferentes aspectos relacionados aos seus modos de viver.

A seguir, destaco as principais conclusões do estudo, reforçando os principais resultados da análise e relacionando-os com o objetivo da pesquisa e com as perspectivas teóricas que o trabalho mobiliza.

## **Conclusões**

O gesto analítico evidencia que a reportagem sobre a favela das palafitas produzida e veiculada pelo Câmera Record valoriza as vozes das fontes de classes populares a partir de um conjunto de posições-sujeito. São “espaços de dizeres” que demonstram como esses sujeitos testemunham sua situação de pobreza. A análise revela que as fontes de classes populares são apresentadas principalmente nas posições de descrição, lamentação e ilustração. Em uma menor escala, ocupam a posição de opinião. Já as posições de proposição e saber são os lugares menos concedidos para esses entrevistados.

Mapear a dinâmica das posições-sujeito dá a ver modos de testemunhar a pobreza, assim como lugares específicos para as fontes de classes populares. No percurso analítico apresentado neste artigo, podemos observar parte do processo de valorização de vozes operado pelo jornalismo. Porém, é imprescindível sublinhar que esse processo se inicia na escolha da pauta, posteriormente passando pela definição dos “personagens”, enfoque da reportagem, interpelação dos entrevistados, recortes, edição e ajustes de várias ordens, até finalmente chegar no material que é veiculado pelo jornalismo.

A valorização de vozes não se esgota no fazer jornalístico. Há uma importante dimensão sociocultural do processo, tendo em vista que as fontes de informação também compartilham *habitus* que conformam suas formas de expressão pública. Os sujeitos de classes populares, assim como as demais classes da sociedade, muitas vezes, reproduzem o discurso da meritocracia (SOUSA, 2003), além de reforçarem, a partir de suas

falas e gestos, traços comuns como a humildade, a aquiescência, conformismo e até mesmo um sentimento de incompetência (BOURDIEU, 2007).

Os diferentes níveis de intrusão jornalística no sofrimento de suas fontes testemunhais, seja através da busca de um sentimento de responsabilidade ou ensejo à solidariedade (LAGE, 2018) podem colaborar para reforçar lugares já historicamente demarcados para as classes populares. O discurso jornalístico construído acerca da pobreza passa pelo inevitável processo de valoração de vozes dos sujeitos que testemunham essa realidade. Contudo, é preciso não perder de vista a compreensão de que tal realidade é estruturalmente multidimensional, histórica e complexa. Assim, os testemunhos da pobreza ocuparão posições mais críticas, políticas e questionadoras na medida em que o jornalismo entender que a valoração de vozes é um dos processos mais decisivos do seu discurso.

## Referências

AMARAL, Márcia; MOTTA, Juliana. Os lugares concedidos aos testemunhos nas narrativas televisivas de tragédias. In: Mozahir Salomão Bruck; José Maria Morais, Max Emiliano Oliveira. (Org.). Testemunhas e testemunhos do contemporâneo. Belo Horizonte: PUC-MG, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

GADRET, Débora Lapa. A emoção na reportagem de televisão: as qualidades estéticas e a organização do enquadramento. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Porto Alegre: UFRGS, 2016.

LAGE, Leandro. As implicações políticas do testemunho midiático: breve trajetória conceitual. In: Direitos humanos e a pesquisa em jornalismo. MARTINEZ, Monica; LAGO, Cláudia; STORCH, Laura. São José do Rio Preto, SP: Balão Editorial, 2018.

LAGE, Leandro Rodrigues. Cenas do testemunho na televisão: o (des)encontro de mundos. Galáxia (São Paulo) [online]. 2015, n.29, pp.110-122.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

RONSINI, Veneza. A crença no mérito e a desigualdade: a recepção da telenovela do horário nobre. Porto Alegre: Sulina, 2012.



SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania**: para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão à lava jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

WACTQUANT, Loïc. Habitus. *In*: CATANI, Afrânio Mendes; NOGUEIRA, Maria Alice; HEY, Ana Paula; MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso de Medeiros (Orgs.) **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.